MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
2001 nº 211

GUARATINGUETÁ ATRAVÉS DOS SÉCULOS

O Início



Desde os primeiros tempos, uma grande quantidade de garças marcava a paisagem daquela região às margens do rio Paraíba, entre as serras do Mar e da Mantiqueira. Os índios a denominaram **Guaratinguetá**, expressão que, na língua tupi-guarani, significa reunião de guarás-brancos.

O local já estava assim batizado quando por ele passaram os primeiros homens brancos, nos anos finais do **século XVI.** Eram grandes expedições de portugueses que, acompanhados pelos índios, buscavam as regiões além da Mantiqueira, nas futuras Minas Gerais, onde sabiam existir ouro e pedras preciosas.

A fixação do povoador branco na região, entretanto, somente aconteceu a partir de 1628, com a doação a Jacques Félix e seus filhos, de datas de terras nos sertões do Rio Paraíba. Informa o primeiro Livro-Tombo da Matriz de Santo Antônio de Guaratinguetá que, **por volta de 1630, no local da atual Catedral, foi erguida uma capelinha feita de pau-a-pique e coberta de sapé, sob a invocação de Santo Antônio de Pádua**, cuja festa se comemora a 13 de junho. A invocação do santo fixa, assim, essa data, que está gravada à porta da Catedral, como o início do povoado de Guaratinguetá, pois era uso do colonizador português batizar o local com o nome do santo do dia.

Em torno da capela se desenvolveu o povoado que, no **ano de 1651, a 13 de fevereiro,** por **requerimento do Capitão Domingos Luiz Leme, foi elevado a Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá**, sediando grandes extensões de terras.

O Século XVIII

Por sua privilegiada localização, Guaratinguetá era ponto de passagem para as Minas Gerais, para as vilas de Taubaté e São Paulo e para o porto de Paraty.

Durante as primeiras décadas do século XVIII, Guaratinguetá teve importante participação no **ciclo do ouro** nas Minas Gerais. Foi o principal centro abastecedor do território mineiro, e para lá mandou muitos de seus filhos, junto aos bandeirantes de Taubaté e de Pindaminhangaba, no desbravamento e penetração dos sertões de Minas. A essa época, a vila recebeu uma Casa de Fundição de Ouro, depois transferida para Paraty. A vila, porém, era modesta, com poucas e tortuosas ruas que, a partir da Matriz, acompanhavam os caminhos. Vivia de uma economia de subsistência e do comércio de beira de estrada, mais voltado para os viajantes que transitavam pela região. As casas eram de pau-a-pique e muito pobres.

Por essa ocasião, Guaratinguetá foi palco de encontro da tropa paulista de Amador Bueno da Veiga com Dom Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Governador da Capitania de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que pretendia dissuadir os paulistas de sua caminhada para as Minas Gerais, na chamada Guerra dos Emboabas, não tendo conseguido seu intento.

Em 1765, o Morgado de Mateus, Governador da Capitania, escolheu Guaratinguetá para sede do Segundo Corpo de Infantaria e do Segundo Corpo de Dragões de Guaratinguetá e Vilas do Norte. **O Brasão de Guaratinguetá**, criado em 1930, por ocasião do tricentenário de Guaratinguetá, registra esses dois acontecimentos. A participação na Guerra dos Emboabas está no símbolo da cidade fortificada e na divisa Paulistarum Arx (Baluarte dos Paulistas). Os dois soldados nas laterais do escudo representam a Infantaria e os Dragões. As cores de seus uniformes, vermelho, branco e azul, são hoje as cores da cidade, reproduzidas na **bandeira** criada em 1958 pelo artista guaratinguetaense Quissak Júnior.

Importantes fatos religiosos marcaram a História de Guaratinguetá. De 1717 ficou a lembrança da passagem do então Governador General de São Paulo e Minas Gerais, D. Pedro de Almeida Portugal e Vasconcelos, Conde de Assumar. De uma pescaria que devia enriquecer a mesa do ilustre visitante resultou o **encontro, nas águas do rio Paraíba, de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição**, a Senhora Aparecida, hoje padroeira do Brasil.

Poucos anos depois, em 1739, nascia em Guaratinguetá Antônio Galvão de França - **Beato Frei Galvão**, fundador e construtor, em São Paulo, do Mosteiro da Luz, atual Museu de Arte Sacra de São Paulo.

Além de seus dotes sobrenaturais e virtudes, Frei Galvão era conhecido por sua caridade e apoio aos carentes. Grande pregador, participou da primeira Academia de Letras de São Paulo. O Senado da Câmara e o Bispado de sua época, o respeitavam como um homem santo, o mesmo acontecendo por toda a Capitania paulista. Faleceu com fama de santidade em 1822, está sepultado no Mosteiro da Luz, em São Paulo. Foi beatificado em 1998, pelo Papa João Paulo II.

Durante o século XVIII novos templos se ergueram em Guaratinguetá. Data de 1727 a construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, à Praça central da vila, demolida em 1935.

No termo da vila de Guaratinguetá, no morro dos Coqueiros, foi celebrada em 1745 a primeira missa com benção da Capela de Nossa Senhora Aparecida. Era o início daquela que seria a Capital Espiritual do Brasil.

Em 1757, junto à capela de São Gonçalo, foi fundada a Irmandade de São Benedito, para os "homens pretos e pardos, assim forros como cativos". Com a abolição do cativeiro, as festas realizadas em louvor ao santo ganharam grande expansão social, sendo hoje um acontecimento de importância no calendário da religiosidade brasileira.

Na vida religiosa da cidade, a Inquisição se fez presente a partir de 1727, com a nomeação do cidadão Manoel Antunes Fialho, residente na cidade, como Comissário do Santo Ofício, representado, no final do século, pelo Vigário da Matriz e senhor de engenho, Padre Francisco da Costa Moreira. Ficou igualmente a memória da presença do menino Diogo Antônio de Feijó, futuro padre e regente do Império, que aqui, entre 1795 e 1798, estudou com o Licenciado guaratinguetaense Manoel Gonçalves Franco, professor e compositor sacro.

No século XVIII, Guaratinguetá perdeu uma grande parte de seu território quando, em 1785, Cunha se emancipou, recebendo os foros de vila de Nossa Senhora da Conceição de Cunha. Mesmo assim, no apagar do século Guaratinguetá prosperava. Sua economia estava voltada para a cana-de-açúcar. Com a grande produção de seus engenhos, tornou-se uma das mais importantes vilas da Capitania de São Paulo.

O Século XIX

As primeiras décadas do século XIX assistiram à passagem de inúmeros viajantes estrangeiros que, em seus livros e registros iconográficos, deixaram valiosos documentos sobre Guaratinguetá. Entre estes viajantes, artistas e cronistas destacamos o Conde de Assumar, o Conde de Azambuja, Spix e Martius, Thomas Ender, Saint Hilaire, Debret, Palliére, Zaluar, Miguel Benício Dutra, entre outros

Martius, que por aqui passou em 1817, relata que Guaratinguetá era uma vilazinha a que o dinheiro trazido pela exploração do açúcar e da aguardente já havia dado certo poder econômico, demonstrado pela existência de vidraças nas janelas, o que significava abastança e até mesmo luxo.

Em 1822, **Saint Hilaire** descrevia Guaratinguetá como "uma vilazinha mais comprida do que larga, com ruas estreitas... As casas, em taipa, pequenas em sua maioria não são caiadas e só ao rés do chão, têm rótulas muito apertadas que, segundo hábito antigo, se levantam de alto a baixo, guarnecendo janelas e portas".

Foi esse cenário que o **Príncipe Dom Pedro** encontrou quando, a 19 de agosto de 1822, pernoitou na vila, em sua histórica caminhada para a Independência do Brasil. Hospedado em casa do Capitão-mor Manoel José de Mello, senhor de engenho e segunda fortuna da Província de São Paulo, surpreendeu-se o Príncipe com o jantar que era servido em baixela de ouro e finos cristais. "As posses dão, Real Senhor", esclareceu o hospedeiro, senhor de 180 cativos e, entre outros bens, do Engenho da Conceição, hoje conhecido como Fazendão, no bairro da Pedrinha. Erguida em grossa taipa, segundo a tradição "para que durasse para sempre", a sua monumental sede com o engenho já não existe. Foi demolida no ano 2000.

Por esses tempos, o comércio da vila funcionava somente nos domingos e nos feriados. A vida era essencialmente rural. A vila era procurada mais para o culto religioso e para a feira semanal.

O café, cuja cultura iria fundamentar a riqueza do Vale do Paraíba e do Brasil por quase todo o século XIX, começava a afirmar sua presença nas vilas valeparaibanas, na mesma medida em que os engenhos de açúcar e aguardente entravam em declínio.

O desenvolvimento do cultivo do café, que em 1886 chegaria a atingir, apenas em Guaratinguetá, a produção de 350 mil arrobas anuais, trouxe junto o desenvolvimento econômico, político, social e urbano à vila que, já **em 1844, era elevada à categoria de Cidade** sendo, logo a seguir, **em 1852, alçada a Comarca**. Data dessa época a Igreja de Santa Rita, cuja construção, terminada em 1846, daria início ao bairro do mesmo nome.

A riqueza produzida pelo café trouxe profundas modificações na maneira de sentir, pensar, agir e morar dos guaratinguetaenses. A população aumentou sensivelmente com a presença da mão-de-obra escrava, tão necessária à atividade cafeeira, tanto na roça como na cidade. Não somente as sedes das fazendas foram ampliadas, embelezadas e decoradas. Muitos proprietários rurais se urbanizaram, erguendo na cidade confortáveis residências, com rico mobiliário e requintadas alfaias. A iluminação doméstica, que se resumia a velas, candeeiros e lampiões, foi enriquecida por candelabros de cristal e opalina, finas "donzelas" e, em algumas casas, por bicos de gás com mangas de cristal. Na rua continuavam os velhos lampiões de querosene e óleo, que não se acendiam em noites de luar... No virar do século instalou-se, próximo à Matriz de Santo Antônio, um gasômetro para a iluminação do templo.

O dinheiro do café também levou os filhos dos fazendeiros a estudarem na capital paulista, na corte do Rio de Janeiro e até mesmo na Europa, dando para a cidade seus primeiros bacharéis, magistrados e médicos. Por essa época abriram-se em Guaratinguetá excelentes escolas para meninas, que incluíam aulas de piano, declamação, francês, danças e boas maneiras. Também foi inaugurado, em 1858, o jornal "O Mosaico", o primeiro do Vale do Paraíba, conferindo a Guaratinguetá a primazia na imprensa valeparaibana.

O comércio teve grande desenvolvimento, oferecendo produtos importados, que abasteciam de luxo as casas e as mesas dos guaratinguetaenses.

Essas mercadorias, vindas através do porto de Paraty por Cunha, chegavam a Guaratinguetá, como nos primeiros tempos, no lombo de burro, em cargueiros individuais, ou em lotes de várias bestas. Os viajantes ainda se serviam dos cavalos, da liteira ou mesmo do carro de bois, situação que somente iria se alterar com a chegada do trem de ferro, em 1877.

Por duas vezes, nos anos de 1868 e 1884, a **Família Imperial visitou Guaratinguetá**. Hospedando-se no solar do Visconde de Guaratinguetá, Francisco de Assis e Oliveira Borges, a Princesa Isabel e o Conde d'Eu foram homenageados com saraus, bailes e mesas da requintada doçaria de Guaratinguetá. Não faltaram aos nobres viajantes visitas de oração à Capela de Nossa Senhora Aparecida. Nem lhes faltou um passeio à Fazenda do Morro Vermelho, para onde se dirigiram em embarcações, pelo rio Paraíba.

Com voluntários da Pátria, Guardas Nacionais e escravos oferecidos para o serviço da guerra, Guaratinguetá esteve presente na Guerra do Paraguai, na década de 1860.

Em 1869, por iniciativa de um grupo de guaratinguetaenses, a cidade ganhou a Santa Casa de Misericórdia regida, como até a atualidade, pela Irmandade do Senhor dos Passos que, em 1855, já havia iniciado o Cemitério do Senhor dos Passos.

A inauguração da Estrada de Ferro, que chegou a Guaratinguetá em 1877, ligando a cidade à Corte do Rio de Janeiro e a São Paulo. trouxe, com seus trilhos, novas idéias, envolvidas no pensamento positivista, dando ensejo à formação de um Clube Republicano, junto a intensa atividade abolicionista.

Em 1882 foram fundados o Clube Literário e a Banda Musical União Beneficente. Nesse mesmo ano, o livro "A Província de São Paulo" descrevia Guaratinguetá como possuindo ruas calçadas e macadamizadas, casas na maioria térreas e alguns sobrados de construção sólida e elegante.

Após a abolição do cativeiro, inexistente a mão-de-obra escrava, com o declínio da produção cafeeira, o município buscou a colaboração estrangeira para o cultivo do solo. Data de 1892 a instalação da Colônia do Piagui, com a integração da mão-de-obra de imigrantes italianos, austríacos, alemães, suecos, belgas, franceses e poloneses.

Nos últimos anos do século XIX a cidade contava com duas agências consulares, uma da Itália e outra de Portugal.

Datam igualmente dessa última década a inauguração do **Teatro Carlos Gomes - atual sede da Prefeitura Municipal,** a construção da ponte metálica que ligava a cidade ao bairro do Pedregulho, a inauguração do Banco Popular, do Mercado Municipal, da Caixa d'Água e da rede de esgoto urbano, e ainda a instalação do primeiro grupo escolar da cidade, no edifício Dr. Flaminio Lessa, atual Delegacia de Ensino.

Por esse tempo, Guaratinguetá assistiu ao desenvolvimento de uma gigantesca obra social e educacional, realizada por Monsenhor João Filippo. Natural da província de Cozenza, na Itália, aqui chegou em 1873. Construiu o Colégio do Carmo, com internato para meninas, inaugurado em 1892. Para meninos pobres ergueu o Colégio São José, em 1898. No ano seguinte reformou e ampliou a igreja do Rosário e a Santa Casa de Misericórdia. Com a entrada do século XX, deu início à reforma da Matriz com alteamento de suas torres, inaugurando em 1916, o Asilo de Mendicidade Santa Isabel e em 1920, o Albergue Noturno. Construiu e inaugurou em 1924 o Orfanato do Puríssimo Coração de Maria para meninas pobres, é hoje local de romarias.

O Século XX

Iniciou-se com o alteamento das torres da Matriz, e em seu primeiro ano presenciou a construção da igreja de Nossa Senhora da Piedade no distrito de Roseira, que era então município de Guaratinguetá.

No segundo ano, houve a instalação da Escola Complementar, depois Escola Normal, para a formação de professores. A categoria de seus mestres e o alto nível do ensino nela ministrado, somados à inauguração do Ginásio Nogueira da Gama com seu internato, à Escola de Comércio, à Escola de Farmácia e Odontologia, tornaram Guaratinguetá importante centro de irradiação cultural, que atraía estudantes das cidades do Vale e de regiões mais distantes, juntamente com o Colégio do Carmo e seu internato.

A primeira década do século foi pródiga em melhoramentos e realizações. À inauguração da rede de **energia elétrica** pública e domiciliar, em 1905, seguiu-se a instalação de uma linha de **bondes elétricos**, ligando Guaratinguetá a seu distrito de Aparecida, serviço que funcionou até 1952.

Constituiu-se um evento de grande sucesso a descida, na várzea da Fazenda do Morro Vermelho, em 28 de abril de 1912, do avião pilotado pelo paulista Edu Chaves, no primeiro vôo realizado entre São Paulo e Rio de Janeiro. Marcando o fato, o aeroporto local se denomina Edu Chaves.

O lazer se viu enriquecido com mais duas casas de espetáculos, o Parque-cinema e o Cine Homero Otoni. Seguir-se-ia mais tarde o Cine Teatro Central. O esporte assistiu à criação da Associação Esportiva de Guaratinguetá em 1915 e, em seguida, do Clube de Regatas, à margem do Rio Paraíba, onde hoje funciona a Câmara Municipal, clubes que tantas conquistas trouxeram a Guaratinguetá, além de um Derby e um Jockei Clube.

Antes, e com muitas festas, se dera a inauguração em 1914 do novo prédio da Estação Ferroviária, que logo se tornaria a sala de visitas da cidade, local de reunião e passeios por ocasião da chegada dos trens, e palco de encontros de políticos e personalidades eminentes.

A esse tempo era **Presidente do Estado o Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves**. Nascido em Guaratinguetá, no Bairro do Machadinho, em 1848, Rodrigues Alves já havia, durante a Monarquia, sido Deputado à Assembléia Provincial, Presidente da Província de São Paulo e Conselheiro do Império. Com o advento da República foi Ministro da Fazenda e Senador Federal por duas vezes, Presidente eleito do Estado de São Paulo e, finalmente, Presidente da República de 1902 a 1906. Em 1918, uma vez mais eleito Presidente da República, faleceu sem assumir o cargo, estando sepultado em sua terra natal.

Cansadas as terras do Vale do Paraíba, que já não contava mais com o braço escravo, o café, que tanta riqueza trouxera à região no século anterior, mudava-se agora para regiões mais férteis do oeste paulista. A cultura cafeeira cedia lugar a uma **economia agropecuária extensiva.** Era o início da pecuária leiteira que, em poucas décadas, iria transformar Guaratinguetá em uma das grandes bacias leiteiras do Brasil.

A essa época, o crescimento e a auto-suficiência do Distrito de Aparecida, um dos maiores centros religiosos do Brasil, teve como consequência sua emancipação política, ocorrida em 1928. Guaratinguetá perdeu então os territórios de Aparecida e Roseira. Outra emancipação se repetiu em 1991, quando o bairro do Potim, através de plebiscito, separou-se de Guaratinguetá.

O município, como todo o Estado de São Paulo, teve grande envolvimento com a Revolução Constitucionalista de 1932. Dois batalhões, o Frei Galvão e o Rodrigues Alves, levaram os filhos de Guaratinguetá para diversas frentes de combate. Algumas casas foram saqueadas, houve bombardeios de artilharia, a presença assustadora do aeroplano "Vermelhinho" e ainda a passagem do trem blindado das forças constitucionalistas.

Dez anos depois Guaratinguetá participaria, com muitos de seus filhos, das Tropas Expedicionárias Brasileiras que combateram na Itália durante a Segunda Grande Guerra, hoje homenageadas com um monumento em frente à Rodoviária.

O desenvolvimento econômico de Guaratinguetá neste século fez surgirem as primeiras associações de classe, como a Associação dos Empregados do Comércio, a Associação Comercial e Industrial de Guaratinguetá, a União Produtora de Laticínios, a Cooperativa de Laticínios de Guaratinguetá, a Associação Agro-pecuária, além de uma Loja Maçônica e uma Caixa Rural.

O processo de **industrialização** do município, marcado em 1920 pela criação, por Monsenhor João Filippo, da União dos Operários Católicos e, ainda, da Sociedade Operária de Guaratinguetá, intensificou-se a partir da abertura da Rodovia Presidente Dutra, em 1950. Marco arquitetônico dessa época foi o Hotel Clube dos 500. Construído por iniciativa particular, à margem da Presidente Dutra, na antiga Fazenda Vista Longa, teve projeto assinado por Oscar Niemayer e plano urbanístico de Prestes Maia, tendo sido seu restaurante enriquecido por um grande afresco de Di Cavalcanti.

No **parque industrial** do município, junto às tradicionais indústrias de laticínios e de fiação e tecelagem, desenvolveram-se modernas indústrias de produtos químicos, de mecânica pesada, de papel e inúmeras outras. Assim, em estabelecimentos de pequeno, médio e grande porte, ao lado de empresas da mais avançada tecnologia,

Guaratinguetá tem produções semi-artesanais de grande valor, como as de imagens de gesso e as de peças de cerâmica que, além de sua arte, oferecem potencial turístico.

Na **área educacional** foram inaugurados dois museus: Frei Galvão e Rodrigues Alves, dedicados à preservação de bens culturais, memória histórica e valorização da terra e da gente de Guaratinguetá.

Como reflexo dos tempos da Escola Normal, inúmeras escolas municipais, estaduais e particulares, colégios técnicos e faculdades, uma escola de enfermagem e uma Escola de Especialistas de Aeronáutica, o SENAC "Nelson Antônio Mathídios dos Santos", a FATEC (Faculdade de Tecnologia), os museus, os arquivos e as bibliotecas procuram manter as tradições educacionais e culturais de Guaratinguetá.

Confirmando a vocação comercial que, por sua posição geográfica, Guaratinguetá manteve ao longo de sua história, o movimentado e variado comércio da cidade permanece como polo de atração das cidades vizinhas, de Paraty e do sul de Minas Gerais. Na ampliação desse comércio, lojas de departamentos mudaram a fisionomia da Praça Conselheiro Rodrigues Alves. Também reformada nos meses finais do século, com novos pisos, canteiros, postes e bancos.

Ponto alto no final do século XX foi a beatificação de Frei Galvão pelo Papa João Paulo II, dele recebendo os títulos de "Homem da Paz e da Caridade" e de "Patrono da Construção Civil no Brasil". Frei Galvão - o primeiro brasileiro a receber a glória dos altares, podendo ser cultuado em todo território nacional.

O Início do Século XXI

Com a beatificação de Frei Galvão foi elaborado um plano turístico para o município, a ser implantado por etapas e roteiros.

No primeiro ano deste século XXI, a **Catedral de Santo Antônio**, em restauração, foi valorizada com a doação de artísticos lustres de cristal. Monumento histórico municipal e estadual, marco inicial da Vila de Guaratinguetá, a Catedral vem sendo muito visitada por devotos e turistas, por ser o local do batizado de Frei Galvão e da primeira missa do então jovem franciscano. Para homenagear o Beato, foi ainda executada uma estátua sua, com 8 metros de altura, a ser instalada em local definitivo.

Na **área educacional**, em abril de 2001 foi inaugurada a USEFAZ, escola que, com modernos métodos de ensino, tem como objetivo abrir horizontes para que o jovem de hoje venha a se destacar no novo milênio.

Assim, em quase quatro séculos de história, assinalados em tantos marcos arquitetônicos e monumentos, Guaratinguetá, como ontem, pode se orgulhar dos ilustres filhos que, a cada momento, se projetam nos mais variados campos, na religião, na política, nas artes, no direito, na música, na ciências, na literatura e na medicina, honrando e engrandecendo o nome de sua terra.

Thereza e Tom Maia

NOTA - O texto acima, atualizado, é transcrição do livro **Guaratinguetá - Roteiro Turístico, Cultural e Ecológico,** de Thereza e Tom Maia, publicado em 1994, nos Cadernos Culturais do Vale do Paraíba, pelo Centro Educacional Objetivo, pela Paulista e pela Fundação Nacional do Tropeirismo.